CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

2° Semestre 2014

Ciclo I ¬ Caroline Gemas

Ciclo II ¬ Sergio Eduardo Alves Fernandes

Ciclo III ¬ Cleunice Alves da Silva

Ciclo IV ¬ Claudia Sampaio Barral

Ciclo V ¬ Denise Sahyun Levy

Ciclo VI ¬ Maysa Del Panta Castello Branco

Índice

Ciclo I
Caroline Gemas
UMA BREVE ANÁLISE DO PANORAMA POLÍTICO DO BRASIL ATRAVÉS DA PSICANÁLISE.....3

Ciclo II
Sergio Eduardo Alves Fernandes
SERIAM ELES OS PECADORES?.....8

Ciclo III
Cleunice Alves da Silva
O CONCEITO DE FALO SEGUNDO LACAN.....19

Ciclo IV
Claudia Sampaio Barral
INCÊNDIOS: UM BREVE PARALELO ENTRE O TEXTO TEATRAL E A PSICANÁLISE.....21

Ciclo V
Denise Sahyun Levy
A PSICANÁLISE E OS PROCESSOS GRUPAIS: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO OLHAR PARA DESENVOLVER UMA NOVA ESCUTA.....28

Ciclo VI
Maysa Del Panta Castello Branco
A HISTERIA NO TEATRO DAS CORPORAÇÕES 35

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2014

Ciclo I

Aluno: Caroline Gemas

Título: UMA BREVE ANÁLISE DO PANORAMA POLÍTICO DO BRASIL ATRAVÉS DA PSICANÁLISE

Freud apresenta em seu texto O Mal Estar da Civilização como é possível aplicar métodos da psicanálise para a reflexão sobre o processo civilizatório de determinada sociedade. Uma sociedade é formada por indivíduos, logo as proposições dos indivíduos são pertinentes para a análise de uma sociedade, embora seja chamada a atenção pelo autor que o processo de civilização seja uma "abstração de ordem mais elevada... e portanto, de mais difícil apreensão em termos concretos". Contudo, ainda nas palavras do autor, "...diante da semelhança entre os objetivos dos dois processos – num dos casos a integração de um indivíduo isolado num grupo humano; no outro a criação de um grupo unificado a partir de muitos indivíduos -, não podemos surpreender-nos com a similaridade entre os meios empregados e os fenômenos resultantes". Assim, o trabalho desenvolvido a seguir tem como finalidade uma abordagem sociológica, utilizando conceitos psicanalíticos que a embasem.

O recorte utilizado será a atual polarização partidária presente nas discussões políticas no Brasil no setor federal, que agrega o país como um todo e assim a sociedade, com seus diversos grupos de interesses. Em nenhum momento será abordada a política em si, mas sim o posicionamento da população brasileira em torno desta política. A necessidade de dissertar a respeito deste tema e a justificativa do mesmo é a observação do estágio primevo em que o debate político tem surgido em torno da redes sociais, meios de comunicação diversos e até em conversas informais entre familiares, amigos e conhecidos. Observando-se os conteúdos de tais debates, com salvas exceções, percebe-se o confronto a posição política contrária em piadas seguidas de agressões, e em casos mais extremados não há nem mesmo o disfarce da piada: a agressividade aparece pura. Esse confronto é evidenciado por ambos os lados, assim como sua falta de habilidade política e desacertos intelectuais.

De maneira alguma o debate pode ser colocado como infrutífero. A oposição faz-se necessária para o atual estágio de evolução humana, porém aquilo que permeia as discussões políticas atuais no Brasil estão longe de ser discussões políticas e sim um desabafo em forma de agressividade da população brasileira. Essa agressividade pode ser analisada de duas formas dentro dos escritos de Freud: nossa sociedade se encontrar no estágio primevo em que o superego ainda não está plenamente desenvolvido ou uma involução despertada em momento propício aos instintos primitivos de agressão. Em ambos os casos analisa-se o caráter primitivo de nossa discussão política. A diferença está no caminho para nos encontrarmos em tal estágio. No caso do primeiro por falta de avanço, no segundo por retrocesso de um suposto avanço. Vamos abordar cada caso separadamente.

Considerando o primeiro argumento, no texto O Mal Estar da Civilização, Freud aponta duas origens de um sentimento de culpa: o medo de uma autoridade e o medo do superego. Esse sentimento de culpa seria advindo de uma censura por parte do superego sobre o ego, visto que este conserva instintos agressivos. O superego, portanto, regula a agressividade do indivíduo - não somente sua agressividade de fato, mas até mesmo sua intenção em pensamento, criando o sentimento de culpa. No Homem primitivo o superego ainda não se encontra desenvolvido e dessa forma se volta à agressividade para ostentar seu poder diante dos demais, sem acarretar o sentimento de remorso. Nas palavras de Freud: "Se ele se defronta com um infortúnio, não atribui a culpa a si mesmo, mas a seu fetiche, que evidentemente não cumpriu o dever, e dá-lhe uma surra, em vez de se punir a si mesmo". Nessa análise podemos colocar que em nossa evolução política saímos do medo de uma autoridade e não atingimos o medo do superego. A história do Brasil sempre foi marcada por regimes de cerceamento da liberdade individual desde seu período colonial, em termos políticos podemos dizer que tal cerceamento é o não exercício da democracia por parte de seus cidadãos. Não cabe no presente trabalho apresentar como o exercício democrático sempre foi suprimido, mas duas observações são pertinentes: a repressão da liberdade individual sempre foi em detrimento de um pequeno grupo no poder (seja este econômico ou político, na maior parte dos casos, os dois) e o momento em que está repressão democrática foi instaurada com mais afinco foi durante a Ditadura Militar. Grupos de oposição contra a repressão política que marca nossa história sempre houve, mas um posicionamento firme de nossa sociedade contra as mesmas só é evidenciado contra esta última. Assim, levando em conta nossa história política desde a chegada dos europeus o Brasil vive um Estado democrático somente após o fim da Ditadura Militar, ou seja, a partir de 1985. Podemos dizer, dessa forma, que saímos do medo de uma autoridade, porém ainda

estamos avançando em direção ao desenvolvimento de um superego, que consiga refrear a agressividade e torne o debate autêntico, respeitando posicionamentos opostos ao seu.

O segundo argumento a ser apresentado trabalhará com o completo desenvolvimento do processo civilizatório e sua possível involução. Em seu texto A Desilusão Causada Pela Guerra Freud trabalha com a frustração do indivíduo ao abandonar sua satisfação instintual em função de se integrar a uma comunidade. A cultura imposta nos leva a um comportamento ético, que vai contra nosso instinto (pulsão) natural. O conjunto de regras e normas morais que norteiam nosso caminho dentro da comunidade civilizada são frequentemente severas e exigem uma enorme renúncia de si mesmo e desses instintos. Somos levados pelo Estado a um senso de justiça. Por este mesmo Estado é determinado o Bom e o Mau. Nos instintos primitivos não há determinação de Bem e Mal, mas para seguir as regras impostas tais instintos são inibidos e direcionados uma parte para outros objetos e outra parte para o próprio indivíduo. Freud trabalha que os meios de transformação desses instintos deve-se a fatores internos e externos, sendo os externos – que nos interessa no momento – aqueles que coagem os instintos através da educação e do meio cultural. Porém, a sociedade civilizada que promove esse fator externo não está preocupada de fato com a transformação dos instintos em virtudes, mas apenas com a prática de tais virtudes tidas como boas. Ou seja, o indivíduo reprime seus instintos, se frustra com tal repressão, porém não muda a sua essência, que permanece instintual. Assim, Freud coloca: “De resto é verdade que a pressão da cultura não traz consequências patológicas, mas se exprime em malformações de caráter e na permanente propensão de os instintos inibidos irromperem em busca de satisfação, quando a oportunidade se apresenta”. Voltando ao contexto histórico do Brasil analisado, podemos afirmar que nossa sociedade é marcada historicamente pelo preconceito racial e econômico - não é a toa que geralmente esses dois fatores andam de mãos dadas. Um país sempre explorado, desde sua formação federativa e antes dela, não pode esperar não ter conflitos sociais enraizados, sejam esses regionais dentro de nosso extenso território, sejam esses locais dentro dos grandes centros. Esses conflitos sociais são geralmente expressados de maneira velada, devido a uma ética civilizatória. Contudo, com um contexto que as favoreçam ganham expressão agressiva e sem medida. O inconsciente é liberado de suas amarras e volta ao seu estado primevo de disputas agressivas, sem ponderar o respeito ao outro em uma vida em comunidade. No caso deste argumento, não podemos deixar de mencionar a peculiaridade dos desenvolvimentos psíquicos. Este conserva suas primeiras impressões, mesmo com a sucessão de impressões posteriores. É pertinente colocar que os conflitos sociais entre grupos com diferentes oportunidades

conserva está mesma peculiaridade. Complementando a ideia: “...o que é primitivo na alma é imperecível no mais pleno sentido”.

Ambos os argumentos desembocam em agressividade e demonstram uma imaturidade política diante de um processo civilizatório. O mais preocupante não está exatamente na compreensão exata do porque nossa sociedade apresenta essa imaturidade, visto que nos dois casos explanados a resultante é negativa. O preocupante é que a imaturidade política da sociedade brasileira abre precedente para outro conceito construído na psicanálise Freudiana: os impulsos afetivos. Freud aborda: “Filósofos e estudiosos do ser humano já nos ensinaram há muito tempo que nos equivocamos em tomar nossa inteligência como um poder autônomo e ignorar sua dependência da vida afetiva. Nosso intelecto, segundo eles, só pode trabalhar confiavelmente se estiver a salvo das ingerências de poderosos impulsos afetivos; caso contrário ele se comporta como um simples instrumento nas mãos de uma vontade, fornecendo o resultado que esta o incumbiu de obter”. Tais impulsos afetivos podem ser (mal) utilizados a fim de interesses de algum grupo. Em período eleitoral - muitas vezes mais período eleitoreiro – grupos políticos abusam do afeto popular, que no indivíduo desperta o impulso afetivo, cegando assim argumentos lógicos, para atingir seus propósitos. A agressividade é, portanto, inflamada a serviço de interesses minoritários, sendo os indivíduos usados como massa de manobra na polarização política instalada no Brasil. Discursos com apelos emocionais e propagandas com apreço popular desracionalizam o debate e despertam puramente o lado passional, que vem carregado de discursos desrespeitosos e preconceituosos em seu conteúdo.

Cabe, dessa forma, a reflexão política de nossa sociedade, tanto com base nos conceitos psicanalíticos, quanto em embasamentos sociológicos e históricos para determinarmos, de maneira crítica e embasada em argumentos sólidos, e não pelo calor do momento, o melhor rumo político de nosso país. Podemos ainda não conseguir apontar uma solução para o insucesso do processo civilizatório de nossa sociedade - para não dizer todas -, mas a união de conhecimentos de diversas áreas pode nos fazer avançar na convivência comunitária, apesar da frustração causada pelo refreamento dos instintos humanos a que estamos submetidos dentro dessa mesma comunidade. Acredito que não há mais como voltar atrás nisso. Freud aponta que enquanto indivíduos somos levados a repressão de determinados valores e pagamos um preço por isso – nossa própria felicidade. Se já perdemos nossa felicidade individual precisamos perder também a harmonia em nossa convivência social?

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 12 –** Considerações Atuais Sobre a Guerra e a Morte. São Paulo: Companhia das Letras,2010.

FREUD, Sigmund. **Volume 21 –** O Mal Estar da Civilização. Tradução baseada na versão Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1930.

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2014

Ciclo II

Aluno: Sergio Eduardo Alves Fernandes

Título: SERIAM ELES OS PECADORES?

O SERMÃO DO DIABO

Entre 1990 e 2010, a Igreja Católica gastou estimados US$ 2 bilhões por conta das denúncias de casos de abuso sexual cometido por padres em suas dioceses pelo mundo inteiro. Segundo o jornal The New York Times, em 161 das 177 dioceses norte-americanas, ocorreram denúncias de abusos sexuais cometidos por religiosos. Os casos mais escabrosos envolveram crianças em países como Brasil, Irlanda, Alemanha, Bélgica e Estados Unidos, entre outros. Em Boston (EUA), pelo menos mil pessoas, a maior parte crianças, teriam sido vítimas de abuso sexual por mais de 250 sacerdotes e empregados da Igreja, desde 1940. Durante décadas, o Vaticano ou silenciou sobre o assunto ou adotou punições leves demais frente à gravidade das acusações. Entre 2001 e 2010, apenas 20% dos três mil padres acusados de molestar sexualmente os fiéis foram julgados pelas instâncias católicas e

somente uma centena deles foi condenada a perder a batina ou deixou voluntariamente a Igreja.

Nestas estatísticas de abuso sexual, o que mais me chama a atenção é o elevado índice de casos de pedofilia praticados pelos membros da Igreja. Uma violência assustadora. Isso causa revolta intensa aos fiéis e aos não fiéis: como pessoas que se dedicam, por opção, a seguir os sagrados mandamentos de Deus possam trazer sofrimento, dor e trauma a crianças e suas famílias? E mais do que isso, como estes senhores, que trabalham para o bem do próximo e repetem incansavelmente os mais duros discursos morais aos fiéis, podem, de forma recorrente, cometer este crime? O que poderia levar estes membros da Igreja a praticarem tal ato?

Não tenho a intenção, neste texto, de responder esta questão por completo, dada a profundidade do assunto, tampouco fazer julgamentos em relação à Igreja ou ao clérigo que pratica ou praticou pedofilia. Minha intenção verdadeira é trazer algumas abordagens sobre o tema para melhor compreendermos o que levaria estes sacerdotes a praticarem este crime.

CELIBATO, O CHEFE DA QUADRILHA?

Durante os últimos trinta dias, venho fazendo a seguinte pergunta para alguns familiares e amigos: “na sua visão, o que lavaria um sacerdote da Igreja a praticar a pedofilia?”. A grande maioria das pessoas respondeu, sem hesitação: “o celibato, a renúncia ao sexo”.

Bem, mas somente o duro celibato seria suficiente para explicar a prática da pedofilia? Podemos responsabilizar a renúncia ao sexo como a grande vilã da história? Pela falta de sexo, não poderiam estes padres contratarem mulheres ou gays e pagarem pelo “sexo & silêncio”, ao invés de usarem crianças?

Paremos um pouco aqui... Celibato como causa ou como abrigo da pedofilia? Já li, ao longo da minha vida, algumas reportagens que também sugeriam este mesmo tipo de resposta dada por meus colaboradores. Algumas delas relatavam que a imposição do celibato e a pedofilia poderiam andar de mãos dadas. Diziam que a ideia de não fazer sexo seria um potencial atrativo para gente que quer fugir da própria sexualidade. Seriam pessoas com “conflitos sexuais”. Poderia ser um sujeito que não compreende seu desejo por crianças. Esses conflitos poderiam fazer com que as pessoas buscassem ordens religiosas onde o celibato é obrigatório para se livrar do mal-estar que sentem. Juntar essas contradições

internas ao estresse do celibato seria uma mistura explosiva. E ajudaria a explicar por que existem tantos escândalos de pedofilia na Igreja. Parte como causa e parte como abrigo.

Compreendo esta análise inicial, ainda um tanto leiga. Mas será que a citada “mistura explosiva” poderia nos induzir a pensar que, de repente, o sacerdote “surtou” e começou a praticar pedofilia como válvula de escape? Caminhemos no entendimento do fenômeno. Temos que olhar um pouco para as circunstâncias em que os abusos contra crianças acontecem.

Os atos de pedofilia não ocorrem na calada da noite, numa rua deserta e mal iluminada. Os pedófilos precisam ter acesso à intimidade da criança e à confiança das pessoas em sua volta. Por isso, os pedófilos aparentam ser pessoas sérias e corretas. Ninguém confiaria seu filho a alguém que pareça um pedófilo, certo? Eles são, em geral, ou do círculo familiar, como pai, parentes, vizinhos, ou profissionais insuspeitos, com livre acesso às crianças e com posição de responsabilidade. Aí entram os professores, os chefes de acampamento, os líderes religiosos, os padres, etc.

Voltando à Igreja Católica, em 2005, o governo da Irlanda encomendou um relatório para estudar o abuso de mais de 100 crianças por clérigos da diocese de Ferns, no sudeste do país. Muitos desses homens eram vistos como pessoas espirituais, bem-sucedidos e dedicados à sua paróquia. E é exatamente a imagem de pedófilos como pessoas de bem que faz os abusos sexuais serem indetectáveis por muito tempo.

Mas como o pedófilo consegue chegar à vítima? Abusar sexualmente não é tão fácil quanto roubar um pirulito. Segundo o relatório da diocese de Ferns, em geral, o abuso acontece depois de um longo e bem planejado processo. O agressor sempre cria as circunstâncias propícias, tornando-se amigo das famílias com crianças. Para facilitar, ele procura crianças vulneráveis, em casas assistenciais, por exemplo. E as intimida para obter o silêncio. Algo premeditado.

Aqui no Brasil, soube de um caso que ilustra bem como é atuação do pedófilo na Igreja. Um padre foi transferido de uma cidade, no interior de São Paulo, para outra, no interior de Goiás. Na primeira cidade, tinha conhecido um coroinha de 12 anos. Aproveitou a pobreza da família para convidá-lo a morar na paróquia. Um mês depois, passou a assediá-lo e a tentar fazer sexo. Um certo dia, o pré-adolescente chegou bêbado em casa e contou tudo à mãe. Então, já na segunda cidade, o padre trocou de vítima: agora um garoto de 6 anos.

Desta vez, a música como isca: durante as aulas de violão, o padre fazia o mesmo que fez com sua vítima de São Paulo. Tentou até penetrá-lo, mas não conseguiu por causa dos gritos de dor da criança. Para se proteger, o padre fazia suas vítimas jurarem diante de uma imagem de Cristo que manteriam segredo. Atração e intimidação. Premeditação e planejamento. Certa vez, a criança chegou em casa dizendo: “Vovó, eu sei fazer amor”. A avó perguntou quem havia lhe ensinado, mas a criança se recusava a contar – “Mamãe vai me bater”, dizia. Quando a avó a convenceu de que não apanharia, contou – “O padre me ensinou”. O sacerdote pressionou para que a família silenciasse. Mas não conseguiu desta vez.

Então, podemos considerar a hipótese de que a pedofilia não se instalaria por estresse diante da abstinência sexual e fácil oportunidade? Reflitamos...

CELIBATO, APENAS UM MEMBRO DA QUADRILHA?

Fugindo um pouco desta tendência de explicar a pedofilia no clero da Igreja pelo celibato, encontrei e li uma reportagem de Heitor de Paola (psicanalista, escritor e comentarista político, membro da *International Psychoanalytical Association*).

Inicialmente, ele diz que antes de emitir qualquer opinião sobre uma pessoa, deve-se conhecê-la o mais profundamente possível. Por isto, e não por razões pecuniárias como muitos acusam, um tratamento psicanalítico deveria ter uma alta frequência de sessões e levar vários anos. Segue-se que as interpretações que se dá a um paciente servem para aquela pessoa específica naquele dado momento, o que não o autoriza a generalizar para toda a humanidade. O que pode ser generalizado, segundo ele, é muito pouco. Dentre estes, o mais importante é a descoberta de Freud do inconsciente reprimido. Velho conhecido de todas as escolas filosóficas, o inconsciente sempre foi um dado importante, mas coube a Freud descobrir que algo que já foi consciente pode se tornar inconsciente por diversas razões, que fazem com que uma pessoa se apavore ou fique repugnada com certos pensamentos e sentimentos desagradáveis ou ameaçadores. Isto é muito comum na mente confusa das crianças, daí decorrendo a nossa conhecida amnésia infantil: as lembranças das primeiras fases da vida são muito raras em qualquer pessoa.

Paola ressalta que uma controvérsia existente com os setores conservadores e religiosos é a teoria da sexualidade infantil, apresentada por Freud em seu *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade,* de 1904[5]. A controvérsia se dá porque a teoria é vista com olhos adultos,

como se Freud tivesse dito que as crianças pensam em sexo como nós adultos pensamos e praticamos, e não como Freud descreveu: uma visão confusa e extremamente ameaçadora, exatamente porque, se existem impulsos e desejos, ainda não existem os instrumentos físicos e psíquicos para entender e satisfazer. O conhecido ditado: *"mais confuso e apavorado do que cego em tiroteio"* expressa bem a situação 'sexual' das crianças: o tiroteio são os desejos e impulsos desconexos que constituem a chamada fase polimorfo-perversa da sexualidade. Somem-se a isto as mentiras que os adultos contam sobre o assunto sob o manto de um moralismo absurdo, sem compreender que o verdadeiro desenvolvimento moral só pode ser dado pela honestidade com que todas as perguntas e dúvidas forem esclarecidas pelos mais velhos. Ele refere-se a responder honestamente sempre que as crianças pedem uma explicação, o que não implica em enfiar explicações não solicitadas garganta abaixo.

O conceito de perversão, onde a pedofilia está inserida, é o de desvio do desenvolvimento psico-sexual rumo à heterossexualidade adulta e à existência simultânea de desejo sexual ligado ao amor adulto pela pessoa desejada. Este desenvolvimento plenamente adulto é que permite que a escolha amorosa não se limite a pessoas, mas possa se expressar em relação a ideais religiosos. O celibato pode ser uma genuína opção adulta por um ideal mais nobre, como seguir os passos de outros que assim optaram para melhor servir a Deus.

Paolo acrescenta que esta escolha, se for genuína e abraçada com fé, nada tem a ver com repressão e pedofilia. Pelo contrário, está ligada à homossexualidade, considerada por Freud como uma perversão, um desvio originado na fase polimorfo-perversa.

Então, podemos considerar a hipótese que a pedofilia não seria uma "opção sexual"? Reflitamos...

ESTA QUADRILHA, TEM PAI E MÃE?

De acordo com os estudos e conclusões de Freud, a pedofilia é uma perversão.

A expressão perversão vem do termo derivado do latim *pervertere,* empregado pela psiquiatria e sexologia, que designaria as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma norma social e sexual. A partir do século XIX, a perversão inclui práticas sexuais diversificadas: incesto, homossexualidade, zoofilia, pedofilia, pederastia, fetichismo,

sadomasoquismo, travestismo, narcisismo, autoerotismo, coprofilia, exibicionismo, voyeurismo e mutilações sexuais.

Retomado por Freud em 1896, ele conserva a ideia de perversão como desvio sexual em relação a uma norma, porém, situa o conceito dentro de um campo mais amplo, retirando-o do terreno único da psicopatologia e colocando-o no contexto de condição de vida pulsional. Inicialmente, a perversão estava apoiada na ideia de negatividade (1905), como estado bruto da sexualidade infantil, onde a libido se restringe à pulsão parcial, desconhecendo a lei. Ao contrário da sexualidade dos neuróticos, essa sexualidade perversa não conhece nem a proibição do incesto, nem o recalque e nem a sublimação.

A partir de 1915, Freud modificou sua primeira concepção da perversão. Passou de uma descrição das perversões sexuais para a ideia de uma possível constituição da perversão como modelo de uma organização do eu baseado na clivagem.

Segundo Laplanche e Pontalis, a clivagem do eu é a *"expressão usada por Freud para designar o fenômeno muito particular – que ele vê operar sobretudo no fetichismo e nas psicoses – da coexistência, no seio do ego, de duas atitudes psíquicas para com a realidade exterior quando esta contraria uma exigência pulsional. Uma leva em conta a realidade, a outra nega a realidade em causa e coloca em seu lugar uma produção do desejo. Estas duas atitudes persistem lado a lado sem se influenciarem reciprocamente".*

Nos artigos de 1923, *'A organização genital infantil'* e 1924, *'A perda da realidade na neurose e na psicose'*, Freud introduziu o conceito de 'recusa da realidade' para mostrar que as crianças recusam a realidade da falta de pênis na menina. Nas neuroses, os arranjos psíquicos, nos quais o recalque surge como o recurso defensivo, separa a ideia do afeto diante da angústia. A castração está inscrita.

Mas o que ocorre na perversão?

Para o perverso, a vivência da castração é insuportável. Essa limitação tem um efeito tão poderoso sobre o sujeito que ele não suporta, e mesmo recorrendo ao recalque, ele não é o suficiente. Isso, então, leva a uma divisão no eu, uma clivagem, uma cisão. Uma parte do eu registra e recalca. A outra parte do eu registra e recusa.

Freud, no seu *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), diz que a neurose é o negativo da perversão. A perversão é o resultado da fixação infantil em um estágio pré-

genital de organização da libido. A perversão decorreria justamente da impossibilidade da corrente genital da sexualidade se impor sobre as demais. Em função de uma fixação ocorrida na infância, uma corrente pré-genital é elevada à categoria de eixo organizador da vida sexual. O perverso, não se sujeitando às forças que no neurótico prevalecem, põe em prática as fantasias pré-genitais e faz delas o centro de sua vida sexual.

Essa descoberta de Freud foi muito importante para compreensão da sexualidade em geral. Ele demonstrou que o perverso não porta uma aberração ausente nos outros seres humanos, atuando simplesmente naquilo que se encontra de forma latente, potencial em todas as pessoas. A perversão seria, então, a manutenção da sexualidade infantil perverso polimorfa na vida adulta.

Nos textos dos anos 1920, Freud destaca o mecanismo da recusa em relação à castração. O fetiche é tido como o triunfo sobre a castração, onde a clivagem do eu seria o dispositivo para reconhecer e negar.

Assim, durante o processo de desenvolvimento, a criança, ao se deparar com a castração, mantém por um tempo a crença de que sua mãe não é castrada. Somente num momento posterior é que esta crença é abandonada. É justamente essa crença, como fantasia, que se mantém na perversão.

Diante da observação das diferenças, o perverso não faz o que seria o curso ‘mais normal’, ou seja, sustentar a crença e depois abandoná-la. Em função de sua dificuldade narcísica e de uma angústia intensa diante da castração, ele não pode abandonar a crença.

A recusa do primeiro momento da visão da castração materna é persistente na perversão. Ora, para que isso ocorra é preciso que a percepção da realidade seja alterada. Vejamos o que ocorre: o sujeito recusa, como defesa contra as exigências provindas da realidade externa ao sujeito. Este mecanismo difere do recalque, que tem defesas contra exigências pulsionais internas e obediência à realidade externa ao sujeito.

Aprofundando um pouco mais, para que a recusa possa persistir, o eu tem que se dividir em duas correntes, no processo de clivagem do eu, mencionado anteriormente: uma corrente que recusa e não reconhece o recusado, atitude que se ajusta ao desejo; outra corrente que se dá plena conta da percepção, atitude que se ajusta à realidade.

Ambas subsistem lado a lado, como se estivessem sob a regência do processo primário, como nos sonhos, como dois opostos convivendo. A crença, por um lado, sofre o efeito do recalque e do desejo inconsciente. A lembrança do registro da castração é esquecida, como uma amnésia traumática. O que é recusado é o desmentido que a realidade impõe à crença.

Mas essa configuração psíquica é fruto de qual situação edípica?

Vamos detalhar um pouco como é a mãe do perverso: uma mãe fálica e retentiva, mais do que isso, uma mãe abusiva, uma mãe que oferece cumplicidade libidinal e erótica no terreno da sedução. E o que significa isso? Significa dizer que a mãe exerce um tipo de sedução, atendendo às solicitações eróticas da criança. Esse atendimento às solicitações funciona como reconhecimento da legitimidade e encorajamento para ela (criança). A criança é seduzida e encorajada por uma mãe que permite “tocar”, ”olhar”. É uma mãe que deixa no ar uma ambiguidade sobre o seu desejo ao pai.

E como é o pai neste cenário? O pai é complacente e silencioso. Isso faz com que a criança fique atormentada com o mutismo materno sobre a questão do desejo referente ao pai. Mesmo na cumplicidade erótica que a mãe divide com a criança, o pai não deixa de aparecer como intruso. Se a mãe nada confirma acerca de seu desejo pelo pai, ela também não faz desaparecer este desejo como possibilidade. Faz com que, frequentemente, subsista um perturbador equívoco sobre o lugar do pai em seu desejo.

Na medida desta ambiguidade é que se desenvolve toda a atividade libidinal da criança junto à mãe. Ela se esforça por seduzir sempre mais, na esperança de levantar esta dúvida em relação à intrusão paterna.

Mas por que a pedofilia dentre as possíveis perversões?

Segundo o filósofo e psicanalista Mário Fleig, em geral, um pedófilo não se interessa por atos de violação, pois seu discurso pressupõe a situação em que a criança consinta nas relações que tem com ele, e até mesmo que ela queira isso. Por isso, a importância das formas de aproximação do pedófilo, que visam cativar a criança, assegurando-lhe que é admirada e amada. Parece ser muito relevante para o pedófilo que a criança se apresente em uma espécie de sexualidade natural, expressão do desejo de gozar, oposta à sexualidade reprimida e deformada do mundo adulto. Por isso, a presença de atos de força, de não consentimento e de violação repugna ao procedimento comum dos pedófilos.

O pedófilo parece estar convencido do que seja o verdadeiro amor paterno e, por isso, é alguém que sinceramente se dedica a querer fazer o bem da criança por meio de relações sensuais, amorosas e sexuais. Mostra-se, geralmente, o melhor educador, difundindo uma paixão que exige reciprocidade ao propor uma função paterna e educativa fundada na idealização da pulsão, mais do que na idealização do desejo. Enfim, o pedófilo acredita que a iniciação da criança no gozo é de importância capital, criança em seu estatuto de anjo, criança em seu estado de pura inocência quanto às coisas do sexo...

Então, podemos considerar a hipótese que ser um perverso pedófilo não teria sido uma escolha do sujeito? Reflitamos...

MAS ESTA QUADRILHA, EXISTE DE FATO?

Voltemos ao tema da pedofilia na Igreja e resgatemos algumas indagações: podemos acusar a Igreja e seu imposto celibato como o grande chefe desta quadrilha pedófila? Seria o celibato uma forma encontrada pelo homem como potencial atrativo para quem quer fugir da própria sexualidade? Seria o celibato uma genuína opção adulta por um ideal mais nobre, como para melhor servir a Deus, nada tendo a ver com as tendências perversas e pedófilas? Seria a pedofilia uma opção sexual? Uma escolha?

Entendo que a pedofilia tem outras origens, muito lá no início de nossas vidas. E foram profundamente estudadas por Freud. Seguindo esta trilha, todos nós fomos crianças perverso-polimorfas e tivemos tendências a todas as perversões. Na dissolução de nosso édipo, as coisas tomaram caminhos distintos: uns aceitaram a castração e recalcaram as ideias perversas, na maioria de nós, os neuróticos. Outros recusaram a castração e não se submeteram à sexualidade genital, escolhendo outro objeto fálico e atuando de forma perversa, no caso destes alguns padres perversos pedófilos...

Teríamos uma terceira saída para esta situação, a sublimação. Segundo a psicanalista neozelandesa Joyce McDougall, existem muitas similitudes entre as criações artísticas e as criações perversas: ambas se referem a uma atividade na qual as pulsões parciais são desviadas de seu objetivo original (genital); ambas visam um objeto que não é mais seu objeto de origem; ambas precisam de uma confirmação narcísica; ambos, o artista e o perverso, são mestres da ilusão; ambos compartilham o terreno da transgressão. A diferença está que o artista procura, acima de tudo, se comunicar, se oferece ao julgamento do outro. O perverso a eles se frustra.

No caso específico da pedofilia no clero, excetuando-se a falsa defesa da Igreja que vê nas suas práticas a culpa pelos ataques que tem recebido, o assunto ultrapassa as explanações puramente psicológicas. O que é certo é que a Igreja Católica está sendo alvo de um ataque maciço contra o qual não está sabendo se defender. Isto porque a melhor defesa é o ataque, é a denúncia de seus detratores. Talvez a Igreja não entenda ou prefira não entender o fenômeno na sua plenitude.

Como saber se um candidato a seminarista tem uma estrutura perversa pedófila? Como selecionar psicologicamente novos seminaristas, se o número deles é cada vez mais baixo, muito por consequência da renúncia ao sexo?

Pretende-se atribuir à Igreja, como um todo, a culpa pelas ações individuais de alguns de seus membros. Nisto, a psicanálise vem em socorro da Igreja: o crime, a culpa e, consequentemente, o pecado, é individual. Não é coletivo. Reflitamos...

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**, 1905.
FREUD, Sigmund. **Os Instintos e suas Vicissitudes**, 1915.

FREUD, Sigmund. **Uma Criança é Espancada**, 1919.

FREUD, Sigmund. **A Organização Genital Infantil**, 1923.

FREUD, Sigmund. **A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose**, 1924.

LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**, 2012.

BARBERA, Graciela. **A Psicanálise e as *Performances* Sadomasoquistas** – Reunião Temática CEP, 10/10/2014.

SCHWARTZMAN, Hélio. **Pedofilia na Igreja**, coluna 14/02/2014.

MOURA, João**. Observatório da Infância,** entrevista 10/05/2013.

PAOLA, Heitor. **Mídia sem Máscara**, entrevista sem data.

MCDOUGALL, Joyce. **Criações Artísticas e Perversas**, artigo sem data.

ANAZ, Sílvio. **Perversão na Santa Madre Igreja**, artigo sem data.

FLEIG, Mário. **O pedófilo como vítima de seu desejo e perversão**, entrevista 26/04/2010.

Anotações de aulas.

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2014

Ciclo III

Aluno: Cleunice Alves da Silva

Título: O CONCEITO DE FALO SEGUNDO LACAN

Neste trabalho pretendo refletir sobre conceito do falo na visão de Lacan e as implicações no desenvolvimento do individuo.

Para adentrar nesse contexto, Bleichimar (1984, p.33 a 61) afirma que o falo é uma representação da função psíquica articuladas a outras representações que servem para definir outra ordem simbólica, ou seja, objeto imaginário com o qual o sujeito se identifica. Segundo Lacan o que está se denominando por trás desses termos (pai ou mãe) são posições que um personagem pode ocupar ou ainda as funções que realiza.

As funções edípicas do falo se dividem em três tempos:

No primeiro tempo - falo imaginário é tudo aquilo que completa a falta da perfeição, plenitude narcísica, ego Ideal e ideal de ego, (mãe e filho). Nesse primeiro tempo o Filho acredita ser o falo da mãe, o causador de sua felicidade. Já no segundo tempo - o falo simbólico é o fracasso dessa relação mãe e filho. A mãe passa ter outros interesses e o filho sabe que não é mais o falo, que o falo é representado por outra coisa, (a interdição do pai). A criança sente que foi traída e o falo é o pai, castração simbólica. O pai priva o filho de seu objeto de desejo, deixando de ser o falo da mãe e o objeto de desejo da mãe é questionado pela interdição paterna. Por isso pode dizer que o pai simbólico é o promotor da lei.

O terceiro tempo - o falo está inserido na cultura, aceitação da lei. O pai aparece como permissivo e doador, aquele que dar o direito a sexualidade que é necessário assumir a identidade sexual de acordo natureza anatômica de cada um. Então a normatização é a inscrição do sujeito em uma norma da cultura.

A fim de ilustrar melhor o assunto abordado, fornecerei um breve relato de um caso de um paciente em analise.

Uma mãe me procurou queixando de seu filho de 9 anos de idade que apresentava um quadro de mania de organização e dificuldade de relacionar. Nas entrevistas, a mãe

conta que após o nascimento do filho ela parou de trabalhar para cuidar da criança. O pai tinha apenas a função de provedor da família, sem vinculo afetivo com o filho. Era mãe que fazia tudo sozinha de levar o filho ao medico, ao dentista, a escola, inclusive as reunião escolares. No atendimento com pai ele se queixava que a esposa muitas vezes impedia a aproximação de ambos, porém ele não se incomodava tanto por que percebia o quanto ela era eficiente e cuidava muito bem dos filhos. Para compreender o que teria acontecido com essa mãe que impedia esse pai de exercer sua função paterna, realizei alguns atendimentos com a mãe e mesma relata que a sua relação com o seu pai foi muito difícil, pois ele havia abusado sexualmente dela na infância e acusava a mãe de não ter feito nada para impedir o abuso.

Diante do exposto, é evidente que essa mãe se preocupava muito com o filho (falo) e o seu grande temor é que em sua fantasia o seu esposo poderia cometer o mesmo ato que seu pai. O que ela não tinha percebido que o afastamento pai e filho também estava sendo prejudicial a ambos, (impossibilitando a circulação do falo, interdição paterna). Atualmente essa mãe está em analise e tem contribuído para a evolução da analise do filho.

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR,H. **Introdução ao estudo das perversões**. Ed. Artes Médicas, 1984 – 33 a 61

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2014

Ciclo IV

Aluno: Claudia Sampaio Barral

Título: INCÊNDIOS: UM BREVE PARALELO ENTRE O TEXTO TEATRAL E A PSICANÁLISE

"Existem verdades que não podem ser ditas se não são descobertas."
Wadji Mouawad, em Incêndios.

Wadji Mouawad é um ator e escritor nascido no Líbano (1968) e radicado em Quebec. Ele é o autor da internacionalmente conhecida tetralogia O Sangue das Promessas, que compreende as peças teatrais: *Litoral* (1999), *Incêndios* (2004), *Bosques* (2006) e *Céus* (2009).

A dramaturgia de Mouwad orbita em torno de temas muito caros à psicanálise: as origens, a filiação, o retorno ao passado como lugar de entendimento, a memória, a possibilidade de mudar as direções da vida.

Partindo do mito de Édipo e o situando nos campos de batalha do Líbano, Wajdi Mouawad elabora, em *Incêndios*, uma tragédia contemporânea com inspiração clássica. Nesse momento vale traçar uma rápida diferenciação: Na tragédia moderna/contemporânea, o infortúnio atinge ao herói e somente a ele, é pessoal, enquanto que na tragédia clássica, sobre a qual Freud também se debruçou, as forças trágicas atingem, através do herói, também à cidade, à civilização. Observamos, por exemplo, no *Édipo* de Sófocles, como a hybris (falha trágica) do herói desencadeou a peste em Tebas. Os gregos não podiam conceber o homem desligado do cosmos. Em *Incêndios*, percebemos o espelhamento da situação da protagonista Nawal na guerra civil do Líbano. A desorganização do ambiente atinge a trajetória da personagem e a desmedida do desejo dessa mesma personagem congestiona o mundo.

Em 2010, Denis Villeneuve, dirige a versão cinematográfica de *Incêndios*, no entanto, o presente trabalho pretende se debruçar sobre o texto teatral e sobre respectivo espetáculo,

produzido no Brasil e dirigido por Aderbal Freire Filho, por acreditar que a experiência teatral, por acontecer ao vivo e diante dos olhos do espectador, promove a experiência de certas qualidades de emoções que o cinema, graças ao distanciamento tecnológico, não pode permitir.

Na peça teatral *Incêndios*, acompanhamos a saga do desejo póstumo de Nawal Marwan, uma imigrante árabe que vive no Canadá, que faz em seu testamento uma estranha exigência para seus filhos gêmeos - que seu sepultamento não seja completado antes que duas cartas sejam entregues: uma, para um irmão, que eles desconheciam a existência; outra para o pai, já tido como morto.

Nawal pede que nenhum nome seja colocado na pedra de sua sepultura, até o momento que as cartas sejam entregues, ou seja, ela não pode ser nomeada, até que a sua história tenha um sentido. Hermille Lebell, o advogado leitor do testamento, na primeira página do texto anuncia o universo do indizível sobre o qual transita a obra, através da fala: A morte, não tem palavras.

Depois da leitura do testamento, o gêmeo Simon chama a própria mãe de puta inúmeras vezes. Puta porque tinha segredos, porque mentiu, porque se calou, porque não pôde, a seu ver, amá-los. Simon então nos conta, a nós espectadores, que Nawal passou os últimos cinco anos de sua vida em absoluta mudez, silêncio que o fez sentir-se completamente rejeitado.

Mouawad nos apresenta personagens – os gêmeos – em um momento psiquicamente delicado. A forma como se vincularam com o mundo e consigo mesmos resulta obsoleta. Esse é um momento crítico que leva muitos indivíduos aos consultórios de psicanálise, momento de impasse. Os gêmeos terão a elasticidade de seus egos testada, precisam encontrar outra forma de enxergar o mundo. A esse teste, Simon se opõe, através da rigidez da fala direcionada a irmã: “Eu sei quem eu sou, você sabe quem você é”. Os indivíduos se constroem a partir do desejo do outro, do ambiente, através das relações afetivas, de como são falados, do lugar que ocupam na constelação familiar. Filhos dessa mãe muda, os gêmeos se encontram perdidos diante da informação que têm um outro irmão e um pai vivo. Precisam enfrentar o momento de tornarem-se adultos, perdendo a réstia de suas inocências. Sobre os gêmeos, vale a pena situar que Simon é boxeador. Através do esporte, ele libera a sua agressividade, é no corpo que ele produz o seu sintoma. A outra irmã, Júlia, é uma professora de matemática pura em meio a um doutorado, ela passou a vida buscando obsessivamente respostas filosóficas inalcançáveis. Os dois irmãos representam polos

distintos de direcionamento de libido, ou escolhas diversas de neurose, pode-se dizer. Enquanto Simon corporifica os seus conflitos, Júlia imerge num mundo complexo e racional.

Júlia passa, então, a ouvir às fitas que a enfermeira de sua mãe nos últimos anos lhe passou. Nas gravações, há apenas o silêncio da mulher. Ao ser questionada por Simon da utilidade de ouvir as fitas, ela responde que "é possível ouvi-la mexer-se, respirar". Júlia tenta ouvir através do silêncio da mãe, tenta escutar esse corpo que se move, seu trabalho se assemelha ao de um psicanalista.

É Júlia quem primeiro se lança na viagem de descoberta do passado. Tomando a metáfora freudiana, Júlia vai ao Líbano, terra natal de sua mãe, e inicia o seu trabalho de arqueologia de memórias, buscando a reconstrução da história dessa mulher. Ela não pode se furtar a esse convite da vida e precisa descobrir as novas verdades que conduzirão a sua existência. Júlia parte com poucas pistas: uma fotografia da jovem Nawal, um número em um casaco de presidiária.

Simon permanece no Canadá, alimentando o ódio que sente pelo silêncio de Nawal, sua mãe, seu objeto estragado.

A partir da viagem de Júlia, a peça conduz o espectador através de um tempo "inconsciente". As memórias de Nawal se intercalam à saga de sua filha por encontra-las. Tempos cronológicos distintos, desordenados, que começam a delinear o todo da tragédia.

Como público, acompanhamos a conversa da jovem Nawal com o seu amante, Wahab, como ela lhe conta que está grávida, como mais tarde essa criança será tomada de seus braços, como esse amor será destruídos pela família dos jovens. Acompanhamos o desespero dessa mulher e como ela saiu cruzando o Líbano atrás dessa criança que lhe foi tomada, não sem antes cumprir uma promessa a sua avó: aprender a ler, escrever, fazer contas, pensar.

É de posse dessas faculdades que Nawal pode ir embora da aldeia, enfrentar a vida, procurar o filho. Quem a acompanha é Sawda, uma mulher do povoado que precisa aprender a ler e acha que Nawal pode ensiná-la. Analfabeta, Sawda se queixa que, para ela, o mundo está mudo.

Júlia assim vai reconstituindo a trajetória de sua mãe, uma mulher lendária que acompanhada de uma amiga vagou entre campos de refugiados, conflitos e prisões. Nawal e Sawda formam uma dupla famosa que, pouco a pouco, deixam florescer em si a indignação e o ódio pela guerra e as rodeia.

É desse ódio de ser testemunha de tantas atrocidades que faz Nawal ter a ideia de se infiltrar na casa do chefe dos militares, até assassiná-lo. Com esse ato, a guerreira Nawal assassina

o pai daquela famigerada e violenta horda. É punida. É presa. Todos os seus amigos e familiares são assassinados, inclusive Sawda. Freud nos mostrou as implicações entre a sociologia e a constituição do psiquismo, em Totem e Tabu. É caro o preço que pagamos pelo proibição do incesto, o preço que pagamos pela civilização. Em Incêndios, o quadro da guerra civil da Líbia nos apresenta uma civilização ameaçada, destruída, cenário ideal para que a maior das tragédias possa encontrar o seu espaço.

Como o acaso e a coincidência, e por que não dizer a sincronicidade, têm peso grande nessa obra que não dissocia as ações humanas do cosmos, o filho tomado de Nawal, agora já um homem, também está buscando a sua mãe. Ele se chama Abou Tarek. Em sua peregrinação pelo deserto, torna-se franco atirador e, em seguida, torturador do regime militar. O reencontro entre eles será fatídico.

Júlia, por sua vez, descobre que Nawal foi estuprada na prisão, e que o homem que violentou Nawal sucessivas vezes, que a engravidou de gêmeos, era o seu próprio filho perdido anos antes. Os gêmeos são, portanto, irmãos do próprio pai.

Anos mais tarde, Nawal já é uma advogada vivendo na América, e faz parte do tribunal internacional que condena Abou Tarek. Um pequeno nariz de palhaço que o homem carrega é a peça que revela a verdadeira identidade dele para sua mãe. Nawal havia deixado o mesmo nariz de palhaço com o bebê que fora obrigada a abandonar. Com essa ironia, o dramaturgo Wadji Mouawad, recoloca o homem na posição que lhe foi negada após a tragédia clássica: o de joguete do destino. Mouawad apresenta os seus heróis trágicos como palhaços de um circo místico, cruel. Eles são reféns de forças que estão fora de seu alcance. A visão de um homem refém dos deuses era muito comum na Grécia antiga, no entanto, mais tarde, na própria Grécia, começa a surgir, através das tragédias de Eurípedes, um humano mais senhor de suas vontades. Eurípedes, ao contrário de Sófocles, privilegiou o protagonismo de suas personagens em detrimento das forças divinas. Quando Freud, mais de vinte séculos depois, aponta a existência (e o poder) do inconsciente, essa terra desconhecida, o homem se vê não mais refém dos deuses, mas, de certa forma, refém de seu próprio aparelho psíquico. É um retorno a esse homem que tem suas escolhas regidas por forças mais misteriosas do que ele próprio supunha, é uma ferida narcísica. Em Incêndios, Nawal não tem palavras para expressar a realidade e o trauma dessa descoberta a silencia por cinco longos anos.

O público experimenta as emoções primordiais que regem a tragédia clássica: o terror nos domina, enquanto a piedade nos consterna. É através desse artifício que a tragédia nos educa, nos moraliza, nos alerta, nos torna seres humanos mais atentos, melhores, talvez.

Como se nossos olhos se abrissem pela primeira vez e víssemos um mundo novo, real, assustador.

À essa altura, Simon e o advogado também já estão no Líbano e encontram Júlia. Os três localizam Abou Tarek, antigo Nihad, filho de Nawal. Eles entregam duas cartas ao mesmo homem, uma dirigida ao filho, outra dirigida ao pai, na qual ela justifica o seu silêncio: “Todos ficam em silêncio diante da verdade”. Finalmente, o advogado Lebell entrega duas cartas aos gêmeos. Seguem alguns trechos das cartas entregues aos gêmeos:

Simón, chora?
Se chora, não seque suas lágrimas
Porque eu não seco as minhas.
A infância é uma faca cravada na garganta
E você soube arrancá-la.
Agora, deve voltar a aprender a engolir saliva.
Às vezes é um ação bem difícil.
Engolir saliva.
Agora, há que reconstruir a história.
A história está em pedaços.
Docemente
Consolar cada pedaço
Docemente
Aliviar cada lembrança
Acalentar cada imagem.

Júlia, sorri?
Se sorri, não termine seu riso
Porque eu não termino de sorrir
É o riso da raiva
Das mulheres caminhando juntas
Seu nome seria Sawda
Mas esse nome ainda é, apenas em pronunciá-lo,
Com cada uma de suas letras,
Uma ferida sangrando no fundo de meu coração.
As mulheres de nossa família estão consumidas pela raiva.

Eu sentia raiva da minha mãe
Assim como você sente raiva de mim.
E assim como minha mãe sentia raiva da sua.
Deve-se romper o fio.

Júlia, Simón,
Onde começa a história de vocês?
No nascimento?
Então começa no horror.
No nascimento de seu pai?
Então é uma bela história de amor.

Júlia, Simón,
Por que não lhes falei disto?
Há verdades que não podem ser reveladas, mas descobertas.
Vocês abriram o envelope, vocês romperam o silêncio
Escrevam meu nome sobre a pedra
E ponham a pedra sobre minha tumba.

Sua mãe.

Desde o título*, Incêndios* nos sugere a experiência catártica que o texto implica, o contato com o fogo trágico, que queima e purifica. No entanto, todo o texto é marcado pela reafirmação de um sentimento de amor, que sobrevive ao tempo e às mais terríveis experiências. A personagem de Lebell, advogado e amigo de Nawal, revela que antes de morrer, ela quebrou o silêncio e, em delírio, disse a seguinte frase: “Agora que estamos juntos, tudo ficará melhor”. Essa fala nos aponta para a possibilidade luminosa de compartilhar, através do amor, uma realidade. A pobre e desgraçada Nawal repete essa frase algumas vezes ao longo da peça, reafirmando, pontuando sempre, que a possibilidade do convívio, do compartilhamento, é a saída para a dor, é o sepultamento da tragédia, é o fim de todas as guerras e, como não podia deixar de ser, é a força motriz que rege a relação psicanalítica.

A peça nos convida a restaurar essa história que está em pedaços, aliviar as lembranças. A personagem de Nawal, envolvida com uma verdade que a silenciou e paralisou, é a

personificação da pulsão de morte. Nawal delega o seu desejo aos filhos. É deles a missão de entregar as cartas. O questionamento de Simon, “se era tão importante, porque ela mesma não fez?”, fica sem resposta. Ou ainda, ela já não podia fazer. Estava consumida.

No sentido geracional, observamos também a repetição, quando Nawal repete o gesto de sua avó, quando diz à filha que a raiva entre elas viaja através do tempo, mas é preciso “cortar o fio”. A mãe convida os filhos a passar da posição passiva para a ativa, convida-os a recordar, repetir e elaborar.

Escrita de forma brilhante, a peça *Incêndios* nos conduz pela longa, intrincada e emocionante trajetória desses fascinantes personagens que vivem, ainda que brevemente, como pessoas reais, descobrindo e inventando seus destinos, lutando contra forças poderosas (e vencendo e perdendo), senhores e escravos de si mesmos. A peça ainda lança uma reflexão sobre os vínculos, como é através da relação vincular que o indivíduo se constitui, ver desabrochar o seu self, encontra o seu desejo e, por vezes, adoece. A coragem de saber, a humildade de perguntar, a capacidade deduzir, do silêncio, os caminhos, são lições que o teatro e a psicanálise nos ensinam.

Referências Bibliográficas

MOUAWAD, Wajdi. Litoral / Incendios – Parte I y II de la Tetralogía La sangre delas promesas. Traducidos por Boris Schoemann y Humberto Pérez Mortera. Ed. Los textos de la capilla. Madrid. 2011.

KESSELMAN, H. Psicopatologia Vincular. Em “Psicopatologia Vincular. Clínica Grupal”,

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer, 1920. In: Além do princípio de prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2014

Ciclo V

Aluno: Denise Sahyun Levy

Título: A PSICANÁLISE E OS PROCESSOS GRUPAIS: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO OLHAR PARA DESENVOLVER UMA NOVA ESCUTA

Sumário

Introdução 29

Recorte de uma intervenção: uma história sem palavras 29

A psicanálise e a realidade psíquica grupal 30

A história de todos e cada um 32

Referências Bibliográficas 34

Introdução

Os textos técnicos de Freud tratam das bases comuns ao início do "tratamento" analítico. Regras técnicas resultantes da experiência dos manejos de seus casos clínicos. No início da década de 50, época em que a psicologia do ego parecia angariar a simpatia da comunidade psicanalítica, Lacan inicia seu retorno a Freud, com o traço que o acompanhará ao longo de sua trajetória: uma releitura contemporânea dos textos freudianos. Em seu Seminário 1 Lacan introduz a psicanálise tomando por base justamente os Escritos Técnicos de Freud. Ao longo do seminário, Lacan retoma e ressignifica temas como "O momento da resistência", "Para além da psicologia" e "A palavra na transferência", temas sempre presentes na prática analítica.

E de que trata a técnica? Regra fundamental, associação livre, resistência, repetição, elaboração, transferência e escuta flutuante parecem fazer sentido quando falamos da psicanálise na clínica. Mas como esses mesmos elementos, pressupostos da psicanálise, se fazem presentes em outros contextos? A psicanálise não pode ser reduzida ao mero manejo de algumas técnicas. E nem deveria ser reduzida à prática clínica.

Este texto trata do trabalho psicanalítico no contexto de grupos, tomando por referencial autores que, tal como Lacan, resgataram e ressignificaram os pressupostos freudianos, atribuindo-lhes um estatuto privilegiado e ampliando as possibilidades de atuação da psicanálise em outros contextos. Porque para além da técnica, a psicanálise é um saber-fazer e trata sobretudo do desejo, da ética e da ética do desejo.

Recorte de uma intervenção: uma história sem palavras

Eram 5 crianças com problemas de leitura e escrita. Tinham um compreensível desinteresse pelos livros e, justamente por isso, optei naquele bimestre por trabalhar com livros. O primeiro livro que apresentei foi "As Aventuras de Bambolina", de Michele Iacocca. As crianças logo perguntaram: "Mas quem vai ler?" ao que respondi: "É um livro sem palavras, todos nós vamos contar a história juntos". As crianças gostaram da proposta e participaram ativamente da contação de história. A história trata de uma boneca de pano, Bambolina, que é sucessivamente amada, rejeitada e ressignificada por cada um de seus muitos donos. Folheávamos página por página e íamos acompanhando a sequência de imagens daquele livro ricamente ilustrado que desafia o imaginário das crianças. Antes de passarmos à página seguinte, eu perguntava: "e então, o que vocês acham que aconteceu?". No início da história as crianças traziam muitas frases derrotistas: "Bambolina ficou triste porque a menina ganhou uma boneca nova", "a menina jogou Bambolina num canto!", "ela jogou a Bambolina

no lixo!". Mas ao longo da história as crianças iam progressivamente se afeiçoando à Bambolina. Ao final da história, quando a pobre Bambolina já tinha passado por poucas e boas e os prognósticos seriam os piores possíveis, as crianças faziam suposições incrivelmente otimistas. A boneca, que já havia sofrido os efeitos do sol, da chuva, havia sido mordida pelo cachorro e comida por formigas, foi encontrada pelo homem que recolhia lixo. Perguntei: "e o que vocês acham que aconteceu com a Bambolina?". As respostas surpreenderam: "o homem deu a Bambolina a alguma criança", "o homem costurou a Bambolina", "levou para a casa dele".

No início eu provocava as crianças com suas frases de desistência: "mas por que alguém jogaria fora um brinquedo?", "mas por que a polícia acharia que esses meninos eram ladrões?". No decorrer da história, mantive o espírito questionador frente às suas frases otimistas: "mas por que esse homem quereria uma boneca comida por formigas?", "por que alguém levaria para casa uma boneca toda destruída?". Do início ao final, a história foi marcada pelo questionamento, a (re)construção de ideias e a capacidade de reinventarmos o futuro a cada página.

Após contarmos nossa história era hora de dar vida a ela. Levei chapéus, xale e outros acessórios para que as crianças escolhessem seus personagens e demos início à dramatização. Ninguém quis ser os "meninos-ladrões". Um dos meninos disse: "não tem nenhum ladrão aqui não". Curiosamente, o que era apenas uma penúltima página se transformou em uma das cenas mais longas e cuidadosamente representadas: a recuperação da boneca. As crianças acompanhavam a cena com atenção repetindo entre si o que ele estava acontecendo: "agora está costurando!", "agora está lavando", "está pendurando para secar". Durante a representação, entre ditos e não-ditos, pude perceber o que lhes era agradável, importante ou angustiante. Após a dramatização, sentamo-nos em círculo e conversamos sobre Bambolina e o que sua história despertava em cada um de nós.

Este é um recorte de uma intervenção com crianças entre 7 e 10 anos em uma instituição da capital paulista. O trabalho faz parte do projeto do Núcleo de Psicanálise e Ação Social, associado ao CEP. No mais das vezes, essas crianças têm histórias familiares complicadas, problemas escolares, transtornos de aprendizagem ou dificuldades de relacionamento.

A psicanálise e a realidade psíquica grupal

A psicanálise no contexto de grupo tem suas especificidades e implica trabalhar a partir de pressupostos diferenciados, como o inconsciente grupal, os processos identificatórios no contexto institucional e os processos simbólicos envolvidos no âmbito de cada instituição.

Envolve identificar e trabalhar as verticalidades, horizontalidades e transversalidades que definem a singularidade de cada grupo. O grupo é mais do que a soma de seus membros. Ele é constituído por sujeitos, que por sua vez também são constituídos pelo coletivo, na medida em que o grupo contribui para a construção e desconstrução da identidade de cada um de seus integrantes.

É nesse contexto que Foulkes considera o grupo em sua totalidade, enquanto produtor de formações psíquicas específicas. Por meio dos processos de comunicação conscientes e inconscientes, verbais e não verbais de cada participante e do grupo como um todo, estabelece-se uma zona comum na qual todos os participantes se comunicam e aprendem a se compreender mutuamente. Assim, os efeitos do grupo incidem tanto no grupo como um todo, como em cada um dos participantes, ainda que não sejam trabalhados individualmente. Nesse contexto, o grupo é considerado um sujeito em si.

Para melhor compreensão da subjetividade grupal, recorro a diferentes autores que trouxeram contribuições importantes para os psicanalistas que se propõem a trabalhar os processos grupais. Enriquez trata da importância do mito, que está por trás de cada instituição. Aquele que diz da origem da instituição, que se origina de uma história sem autor, praticamente uma lenda, que remonta à história da instituição, suas conquistas e seus valores. Tão distante e tão presente, o mito possibilita o laço social e a identificação entre os indivíduos. É a partir do mito que cada grupo se apropria de um conjunto de representações que instaura, organiza, perpetua e legitima a sua existência. A constituição da subjetividade grupal envolve as origens e aspirações da instituição, a sedimentação da ação de cada um de seus membros e o sistema de legitimação de saberes no coração de cada grupo.

Kaes defende a hipótese do inconsciente grupal, de onde emergem os conflitos que atravessam, mobilizam, dinamizam ou paralisam os grupos e sujeitos. O autor recorre a pressupostos teóricos freudianos como “Totem e Tabu” e “Moisés e o Monoteismo” para defender a ideia do processos de formação da realidade psíquica grupal e tudo o que envolve a passagem qualitativa do indivíduo à organização da intersubjetividade grupal: os pactos identificatórios, os interditos e as transgressões à lei organizadora da estrutura psíquica singular a cada grupo. Para Kaes, os grupos não são concebidos conforme a estrutura de um sistema estável e equilibrado de relações interpessoais. O grupo trabalhado pela psicanálise é objeto de investimentos pulsionais e representações inconscientes, um sistema de investimentos e desinvestimentos intersubjetivos de relações de objeto e de cargas libidinais ou mortíferas associadas à realidade psíquica singular a cada grupo. Os processos inconscientes operam nos seios dos grupos em diferentes níveis, regulados pela

natureza das identificações, dos mecanismos de defesa, das relações de objeto e das tensões conflituais.

Para além dos fatos e dos ditos, a escuta do analista busca reconhecer a “verdade” da fala ou o que ressoa dela. Aquilo que indica a singularidade de cada grupo. É tarefa do analista fazer circular a palavra, compreender os conjuntos de articulações que trazem a cada grupo uma identidade própria. Compreender como são articulados, produzidos e legitimados os saberes no seio de cada grupo. Trabalhar suas resistências, aquilo que insiste e persiste, que não se dá a ver pela consciência, mas que se faz sentir por seus efeitos. O caminho é traçado a partir de uma percepção da essência do grupo e da constituição da subjetividade grupal, tornando o próprio grupo capaz de potencializar e trabalhar suas questões internas.

A história de todos e cada um

No Núcleo de Psicanálise e Ação Social, trabalhamos a técnica do grupo operativo, de Pichon Rivière, baseado principalmente no fortalecimento de vínculos sociais e interpessoais. O grupo operativo trabalha a pertença, a cooperação, a comunicação, a aprendizagem e a pertinência. Para além da tarefa explícita, o analista trabalha conteúdos não verbalizados, os não ditos inerentes à subjetividade de cada grupo.

Assim, após a “leitura” do livro e a dramatização da história, sentamo-nos em círculo para conversamos sobre a história da Bambolina. Por que as pessoas a abandonavam? Por que a queriam de volta? Por que Bambolina foi importante para aquelas pessoas? Se perguntassem às crianças o que fizeram naquele dia, poderiam dizer - sem medo de errar - que brincaram todo o tempo. Entretanto, a contação de histórias trabalha o Simbólico, o Imaginário e o Real: os três elementos fundamentais para a construção subjetiva do sujeito. Porque uma história não é feita apenas das palavras que nossos olhos veem ou nossos ouvidos escutam. As histórias nos permitem mudar a maneira pela qual enxergamos e escutamos o mundo. As crianças se deixaram envolver pela história e se emocionaram com a Bambolina. As imagens sem palavras trazem a metáfora de uma história que faz parte da história de todos nós.

O inconsciente grupal diz da história de todos e cada um. A recusa em encarnar o personagem do menino ladrão se repete de outras maneiras no cotidiano dessas crianças que convivem de perto com a pobreza e a violência. Não raramente, ao longo do ano, escutei frases como:

- Eu sou pobre mas não sou ladrão.
- A polícia me parou e vasculhou a minha mochila.

- Meu irmão está preso porque foi pego roubando um carro.

A ênfase para a cena do resgate da boneca, aparentemente irrecuperável, diz também da realidade psíquica desse grupo de crianças com transtornos, dificuldades e problemas de aprendizagem. Seu não saber é fonte de angústia. Frequentemente vêm à tona as relações familiares e os lugares que ocupam (ou querem ocupar) em suas famílias e na escola. O medo da reprovação é, antes de tudo, medo da reprovação parental. Demonstram claramente a sensação de impotência diante do não saber escolar e o desamparo frente às expectativas da família e dos colegas. Foram muitas as vezes eu escutei nas várias intervenções:

- Eu já repeti um ano. Se eu repetir de novo meu pai me mata.
- Tenho vergonha de pedir ajuda.
- Eu não sei ler. Devia saber, mas não sei.
- Você acha que eu tenho jeito?

A história de Bambolina trata de sucessivas perdas e ressignificações. Durante a construção coletiva da história, as crianças tentavam traduzir em palavras aquilo que para elas é difícil de significar. A partir do lúdico trabalharam a angústia, a fantasia e a criação do novo. Durante nossa conversa eles falaram e se escutaram. Puderam se perceber, perceber o outro e se perceber no outro. Seus medos, suas angústias, suas carências não eram mais pensamentos solitários. Foram falados, nomeados e compartilhados.

Vistas a partir de suas possibilidades (e não a partir do seu não saber-fazer), se encorajaram para encarar os livros e trabalhamos vários livros durante as sete semanas subsequentes. Um grupo bastante heterogêneo, mas as crianças foram responsivas e participaram com entusiasmo de todas as atividades propostas.

No grupo aprendem a escutar e se fazer escutar. Através do olhar dos colegas, podem interrogar-se e ter diferentes percepções de si próprios, trabalhar o autoconhecimento e reforçar sua autoestima. Cada atividade propõe diferentes desafios e possibilidades para novas reflexões. As atividades que propus permitiram às crianças não apenas se haver com suas dificuldades, como também demonstrar suas habilidades, incentivando-as a buscar novos caminhos para a resolução de seus próprios conflitos. Meu trabalho com grupos trata principalmente de diluir cristalizações, quebrar certezas paralisantes e fazer dos questionamentos possíveis caminhos para uma retificação subjetiva. É a partir do questionamento de um saber sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que os cerca que poderão produzir novos saberes.

A psicanálise no contexto de grupos implica a construção de um novo olhar para desenvolver uma nova escuta. Mas tal qual na clínica, o trabalho analítico nos processos grupais trabalha a partir da associação livre, manifestações inconscientes, resistência, repetição, elaboração, transferência, sujeito-suposto-saber e escuta flutuante. No consultório ou na instituição, a psicanálise é o saber-fazer do seu sintoma e o bem dizer do seu desejo.

Referências Bibliográficas

Enriquez, Eugène. L´organization en analyse. Presses Universitaires de France, Paris: 1992

Kaes, René. Le groupe et le sujet du groupe – Éléments pour une théorie psychanalythique du groupe. Dunod, Paris: 1993

Lacan, Jacques. Les écrits techniques de Freud (Séminaire I), 1953-1954. Le Seuil, Paris: 1975

Lacan, Jacques. L'éthique de la psychanalyse (Séminaire VII), 1959-1960. Le Seuil, Paris: 1986

Pichon-Rivière, Enrique. O processo grupal. Editora Martins Fontes, São Paulo: 2012

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2° Semestre 2014

Ciclo VI

Aluno: Maysa Del Panta Castello Branco

Título: A HISTERIA NO TEATRO DAS CORPORAÇÕES

Podemos dizer que a histeria é "o teatro da subjetividade". Pode ser pensada como fundamento da construção subjetiva, tendo seu eixo na ênfase da relação com o Outro. Este por sua vez funciona como "*morada do sujeito da mesma maneira que para o ator, a plateia, o espectador é a morada do artista".* (Quinet, A. 2005). Como sugere Quinet, o que o ator faz senão colocar em cena um discurso que também não é o seu, mas do Outro, o autor. Entretanto, cada artista apropria-se desse discurso ao seu modo e será a singularidade de cada apropriação que indicará a emergência de uma subjetividade.

"No teatro da vida convivemos com os outros e ao mesmo tempo estamos inevitavelmente sós. A histeria, em seu teatro dá visibilidade a essa condição radical de nossa humanidade. Ela sublinha o aspecto tragicômico, amplifica, carrega nas tintas da dramaticidade de nossa experiência humana. Clama por refletores em sua direção. Exibe a dor e a delícia do funesto destino de sermos humanos." (Maurano, D./2010)

"A gente gosta das coisas que as pessoas que a gente gosta, gostam." Assim, o desejo do sujeito é determinado pelo desejo do outro, ou dos outros. O Outro se torna aquele que diz o que o sujeito sente, o que o sujeito pensa, o que o sujeito pode ser, o Outro é que diz a verdade do desejo do sujeito. A verdade sobre as coisas para o histérico é dita pelo Outro. O sujeito se caracteriza, se define, se desenha a partir da fala do Outro. Este Outro-Autor é aquele que criou o texto do personagem que o histérico-ator vai encenar. Neste contexto podemos perceber que o problema crucial do histérico é a alienação de si, pois é um ator que se identifica tanto com o personagem que esquece que é apenas um ator e se transforma no personagem.

"Esse tom sacrificial de entrega ao Outro parece focalizar o fundamento da constituição subjetiva, para lembrar que a inconsistência disso que somos como sujeito advém do fato de nossa própria mensagem a recebermos do Outro. Afinal não inventamos a língua, mas sim a apreendemos de fora e com ela tecemos o que somos. Essa alteridade é, portanto, o que vigora no centro de nós mesmos. E ninguém melhor do que as histéricas para colocar isso em evidencia, seja fazendo-se outra, teatralizando, expondo o caráter de montagem no qual se sustenta o "si mesmo", seja saindo de cena, desfalecendo, numa manifestação radical de dessubjetivação, suspensão absoluta do "si mesmo"." (Maurano, D./2010)

Neste pequeno ensaio pretendo descrever a posição histérica que sustenta o ambiente empresarial na atualidade. A neurose obsessiva, ou até mesmo a perversão também impregnam o ambiente corporativo, porém escolhi a histeria por achar que ela ocupa hoje em dia um espaço maior e se expressa através de formas contemporâneas de sofrimento. Portanto, considero que a histeria permeia o comportamento das pessoas inseridas no mundo corporativo e ela se manifesta através de posicionamentos, condutas, posturas, maneiras e sintomas típicos corriqueiros. Distingo agora, as pessoas cuja estrutura dominante é a histérica daquelas que não são, pois afinal de contas encontramos no "teatro corporativo" pessoas de todos os tipos de estrutura psíquica. Aquelas cuja estrutura particular dominante não é a histérica, atuam no mundo corporativo interpretando o personagem histérico que este mundo impõe, mas colorem este personagem com as cores da sua estrutura dominante e da sua singularidade. Interpretam o personagem histérico, mas vão para o camarim sem ele. No entanto as pessoas que possuem uma estrutura histérica dominante vão para o bastidor, para o camarim, para casa e para a cama ainda com o personagem porque na verdade se transformaram nele. Ele as define. Torna-se sua identidade.

As palavras acima podem apontar para uma análise tipológica de caráter. Será que há lugar na psicanálise para estudos tipológicos baseados na descrição de comportamentos, ou até mesmo tipos de personalidade? Já ouvi colegas dizerem que o uso de tipologias *assassina* a singularidade. Quem é o *assassino*, o mapa tipológico em si mesmo ou o modo como se usa o mapa? Discordo desse reducionismo amedrontado. Mapas tipológicos de descrição de personalidade podem ser muito úteis, exatamente porque ao descreverem a base comum fazem destacar o que é incomum, único, singular, ou até mesmo excêntrico. Para mim tipologias realçam a singularidade. É só querer ver e saber usar, lembrando a célebre frase:

"*o mapa não é o território*". Tipos de personalidade podem ser vistos como os grandes e marcantes personagens. Estes ao serem interpretados por diferentes atores são coloridos pela assinatura do inconsciente de cada ator.

Ao receber os histéricos corporativos na minha clínica percebo o mesmo modo de ser, o mesmo discurso, a mesma visão de mundo. Quando os encontro no dia a dia sempre tenho a impressão de que estou falando com clones, com autômatos que saíram da mesma forma empresarial. E nesta procissão da mesmice, neste maneirismo generalizado, escutamos a mesma demanda: "*Defina-me".* E depois *"Posso ser o seu objeto de desejo?".* E em seguida *"Me aplaude".*

Este personagem histérico corporativo, alvo dos *head-hunters* e cobiçados pela competitiva pirâmide empresarial domina o cenário de trabalho paulistano. Homens e mulheres que nunca tem tempo para nada, nem para uma autoanálise, colocam no Outro e nos detentores do êxito pessoal, a condição de dizer o que eles devem gostar, desejar, pensar. Sujeitos-fora-de-si e fora-do-sentir, que apesar de bem-sucedidos começam a apresentar sintomas e quando estes se agravam procuram uma poltrona ou um divã para perguntarem-se: Afinal qual é o meu eu real? Será que sou uma fraude? O que eu desejo verdadeiramente? Qual é o sentido disso tudo? Por que eu faço o que eu faço? Por que reajo desta maneira e não consigo mudar? Por que este vazio? Por que nada me satisfaz? Estes jovens ambiciosos e empreendedores, que colocam no discurso do Outro-Corporativo, a verdade sobre si mesmos, procuram agora o refúgio do espaço terapêutico para reaverem contato com seu desejo e consigo mesmos. De acordo com Freud, o desejo se sustenta na tensão da falta que nos constitui. *"Brincamos de esconde-esconde com a mítica satisfação plena; é por esse motivo que realizar um desejo pode ser tão difícil quanto suportar sua frustração. A insatisfação, por isso, está permanentemente presente em nossas vidas, mas no caso específico da histeria essa dimensão é amplificada."* (Maurano, D./2010)

Vou apresentar agora esse personagem histérico contemporâneo me baseando em um paciente do sexo masculino, quebrando de vez o estigma, errôneo em qualquer época, de relacionar a histeria somente à mulher. Robson, um nome agora brasileiro, porém americano e masculino. Os mesmos três atributos que se aplicam ao mercado de trabalho empresarial paulistano, onde grandes empreendedores se identificam com a imagem popular na América de juventude, energia e vida competitiva: "*I'm the best, fuck the rest*."

A histeria corporativa está centrada na capacidade de desempenho e exige constante admiração, aprovação e aplauso. A vaidade decorrente eleva as realizações pessoais a um lugar de exuberante importância psicológica e existencial. O histérico corporativo quer ser amado pela sua *performance*. Robson quer ser necessário, valorizado e querido na vida das pessoas por causa da sua imagem profissional, de seus ganhos financeiros, do seu status social. Status, títulos e prestígio formam a tríade mágica. Quer ser admirado e aplaudido pela sua eficiência e absoluta dedicação ao trabalho, à empresa, às metas, aos resultados. Ele é totalmente identificado com seus empreendimentos e realizações, com uma atuação somente de sucesso e em ser o melhor. Acredita que o amor e o valor próprio vêm através daquilo que produz e conquista, e não pelo que é. Atenção no fazer, através do qual ele acredita realizaria sua fantasia de ser. Ser o quê? Sempre o primeiro, o melhor, o *top-performer.* Pode passar pela vida ignorando ter perdido uma conexão vital com sua própria vida interior. Vive em um estado de autoengano. Uma ilusão premiada com promoções. A histeria dos vencedores. Que espécie de vazio habita o pódio dos vencedores?

O conhecido aforismo que Lacan tomou de Hegel "o desejo do homem é o desejo do Outro" aparece de modo amplificado na histeria. O histérico se deixa fisgar pelo que se lhe apresenta como desejo do Outro, mas a meta principal dos mais ambiciosos é se fazer desejo do desejo do Outro. Histéricos como Robson adotam a imagem arquetípica de qualquer grupo, a imagem-protótipo, ou norma cultural vigente, incorporando as características ideais. São camaleões que se transformam nos executores e empreendedores valorizados por qualquer grupo do qual se tornam membros. Tornam-se o protótipo daquilo que fazem. Na maioria das vezes encarnam o protótipo da profissão. Ênfase na embalagem e não no conteúdo. O mestre das aparências. *Layout high profile*. Um estilo pessoal que impressiona e uma fachada que convence. A imagem pública de sucesso é crucial, pois só os vencedores são dignos de amor. Fracassos são reemoldurados como sucessos parciais. Atenção seletiva para realizações positivas. É importante manter vivos projetos e expectativas, é primordial evitar o fracasso e maximizar o êxito. Repudia a célebre frase: "O importante não é ganhar, é competir". "*Só pode ser um cara que perdeu para inventar uma frase idiota dessas!" (Robson)*

"Eu sou o que eu faço". Robson exibe uma profunda identificação com os símbolos de status e aparência. Dinheiro, imagem afluente, fama e doses maciças de ambição. Trabalhos e renda são altamente considerados. Seu valor depende daquilo que faz aos olhos dos outros.

A busca da identidade se dá através de um papel ou tarefa. O trabalho torna-se, então a área preferida de atividade. Para histéricos corporativos o trabalho é o Sol, o centro no qual tudo orbita. Seus dias são ocupados por uma intensa e frenética atividade que provoca a suspensão do sentir e das emoções através do constante fazer. A atividade é também um antidepressivo natural. Robson permanece tão ocupado que não deixa a vida deprimi-lo. *"Eu não penso muito não. Simplesmente faço o que tem que ser feito."* O ideal é fazer mais em menos tempo. Enquanto a técnica visa fazer mais e melhor, com menor dispêndio de energia, aqui o enfoque vai para a quantidade. "*Pega o atalho; detalhes depois!"* Convence, vende e depois conserta. Afinal tempo é dinheiro e isso remete a bônus robustos. Além disso, só cabe uma pessoa no lugar mais alto do pódio. Portanto, nesta visão de mundo olímpica, estamos sempre em competição com algo ou alguém. Afobado, pilhado, chega até a competir consigo mesmo. Tendo a competição como seu estilo de vida predileto desenvolve uma compulsão pelo pódio e uma pressa desenfreada como se pudesse ter um comando absoluto sobre o tempo e com isso dominar o acaso. Todo o viciado no hábito da pressa acaba se transformando em um adicto do futuro. Não o futuro como modo de inspiração e construção do presente, mas o futuro como fuga do presente. E as tecnologias escravizantes do momento estão aí para ajudar nessa fuga adictiva. *"O que vou postar? Quantos curtiram? Qual dos meus três celulares tocou?"* Se não estiver sempre conectado tem a sensação de que está perdendo algo importante, que está sendo esquecido, *"deletado".* Porém, *"conexões fáceis e imediatas são redefinidas como íntimas.... intimidade virtual transforma-se logo em solidão virtual."* (Turkle, S./2010 tradução livre) Uma solidão tamponada pela busca de visibilidade. *"A visibilidade prova meu valor."* Muitos *"selfies"* para pouquíssimo contato com o self.

Robson está sempre de olho na fama. O anonimato traz ansiedade. Na patética cultura de celebridades tende-se a confundir "o melhor" com "o mais conhecido". Performático. Sedutor. Político. Marqueteiro. Consumista. Fashionista. "Image tailor". Metrossexual. Adepto do comércio de si. Personalidade mercantil. Erich Fromm criou a expressão "*personal marketability"* para descrever esse tipo de posicionamento perante a vida, onde pessoas se vendem como um produto. Também corresponde à rapidez e à facilidade que um bem, uma pessoa ou um produto pode ser convertido em moeda corrente. Liquidez pessoal. *"Diga-me qual é o seu preço?" "Quem não é comprável?"* diria Robson. Parece que o histérico corporativo é a encarnação perfeita do modelo do hipercapitalismo, pois ele se torna o protótipo do sistema econômico no qual vive. *"A histeria, acompanhando o espírito de sua*

época, funciona como um paradigma da condição de seu tempo, no qual influências contemporâneas (...) abrem o desfile das manifestações histéricas, nas suas mais variadas versões." (Maurano, D. 2010)

Exibe uma autopromoção agressiva e sedutora. Marketing pessoal: orna-se de brilho fálico, insinuando-se como meio de acesso a um gozo a mais. O marketing bem sabe que o objeto vale não pela satisfação que possa propiciar, mas pela que pode prometer. *"Fake it until you make it."* (*finja que você sabe fazer até conseguir fazer*) é o lema. *"I'm my own self-fulfilling prophecy." "Instant experts."* A fraude é mascarada com as promessas de uma *auto profecia* de sucesso.

Camaleão social: aquele que assume os maneirismos de um modelo bem-sucedido, possuindo um ajustamento intuitivo e constante da imagem e do discurso. O discurso histérico está sempre se ajustando porque a definição que o sujeito ouve nunca complementa, nunca satisfaz. Assume os sentimentos adequados à imagem pública e abandona os autênticos em favor de um papel. Valoriza mais a imagem do que as relações emocionais ou um envolvimento profundo com a vida de outras pessoas. Os relacionamentos adquirem um tom de superficialidade. As emoções são vestidas. Pessoas como ele vestem as emoções da mesma forma que vestem as roupas, substituindo as emoções reais por aquelas que as pessoas bem-sucedidas deveriam expor. A imagem assumida é capaz de substituir necessidades e desejos autênticos, os quais, por sua vez, são sentidos como fenômenos intrusivos. Como incorpora uma imagem que ajuda a promover visibilidade profissional, é complicado e doloroso reconhecer que têm necessidades e desejos que vão contra uma imagem pública muito visível que maximiza a eficácia de um papel. O desarranjo emocional é para perdedores, para os que não têm nada para fazer ou não conseguem acompanhar o passo.

Robson está acostumado a fazer várias coisas ao mesmo tempo e mantem aberta o maior número possível de frentes. Adepto da atividade polifásica, faz vários projetos ao mesmo tempo. Gosta de ser *solo-performer* e se esquece de reconhecer a contribuição dos outros usando as pessoas como peças de engrenagem ou degraus para atingir a meta. Muitos percebem os atores desse teatro histérico como seres pressionados, em luta, como se tivessem se vendido em troca de ganhos pessoais. Durante o processo de desenvolvimento de um projeto apresenta dificuldade em ler os sinais de perigo e de mudar o curso. Quando

intui o fracasso, abandona a competição, mas não perde. Põe a culpa em alguém. Desacredita e desqualifica fontes de crítica. A crítica ao produto é encarada como agressão pessoal. Não percebe que sua preocupação com a ação impede o surgimento daquele tipo de criatividade que só pode se desenvolver a partir de longos períodos de tempo dedicados à vida subjetiva.

"Workaholic". Como adicto do trabalho é incapaz de parar, relaxar e de sentir. O período de descanso é preenchido com atividades e programações. Tempo livre sem a garantia de saber o que fará em seguida é assustador. Adiamento da felicidade emocional: *"serei feliz depois da próxima promoção".* A vida emocional, pessoal e em família é sacrificada. A constante atividade, o ritmo e a pressa previnem os sentimentos e os questionamentos pessoais de vir à tona. Quando deprime, Robson vez por outra acusa sentimentos de ser uma fraude, de fazer encenação. Encara a questão das necessidades emocionais com desdém. *"Eu não me deixo atolar em emoções."* Paralisa diante da pergunta: "mas qual é o seu desejo verdadeiro? No fundo no fundo, o que você realmente quer?" Responde com certa indignação: *"Ora, eu desejo o que todos desejam"*. Outro slogan: *"Sucesso é a arte de escolher o melhor. Quem não quer o melhor?"* Ao que eu indago: "Quem define o melhor?"

Exaustão. A autopromoção e o comércio de si é tão exaustivo quanto a execução do próprio trabalho. Colapso. Caso seja forcado a reduzir ou a parar, sente-se incapaz de lidar com a erupção dos sentimentos e das emoções suspendidas. Sintomas físicos, cardíacos e depressivos se fazem presente: taquicardia, distúrbios gastrointestinais, ideias hipocondríacas, crises ansiosas com alterações cardíacas, confusão mental, irritabilidade, fobia ao contato, despersonalização. Interessante notar o aumento nos homens dos transtornos alimentares como bulimia e dos transtornos referentes à imagem física (dismorfofobia).

Na clínica, este estilo de ser vai encenar a mesma dinâmica relacional. Não poderia ser diferente. Condiciona o desejo a partir das possibilidades de significação do desejo do analista ao por neste, quem irá revelar a "verdade sobre mim mesmo". Procura seduzir e conquistar de todas as maneiras para representar um bom papel. Coloca no analista a condição de definir o que ele deve gostar, desejar, pensar, da mesma forma que um ator espera o texto para encarnar o personagem e as marcações de cena do diretor da peça. Por ser um expert no ilusionismo sedutor e confiando no seu poder de convencimento, exibe um

carisma e cria uma empatia irresistível. Seu teatro convoca o analista o tempo todo para que este o defina, explique, sugestione, dê as dicas de como ele deve agir e resolver o mais rápido que puder sua falta de sentido e seu tédio existencial. Se o analista se deixa seduzir, a análise nunca ocorrerá.

Histéricos esperam do analista uma verdade contundente. Tendem a não elaborar por si, e também a uma literalidade do que é dito. Custam a desenvolver um processo de elaboração. A demanda da terapia se torna mais uma atividade entre tantas com a meta de se conseguir resultados práticos, objetivos, com garantias de sucesso. Querem ser o paciente perfeito, o paciente predileto, o mais afinado, de revelar sonhos freudianos e de impressionar com jargões que procurou decorar no livro de conceitos básicos de psicanálise. A análise se torna um trabalho para conquistar e dominar, assim poderá *se transformar* no protótipo do analisando bem-sucedido. Como sugere Maria Rita Kehl *o analista deve desfazer a fantasia de que existe entre ele e o paciente um pressuposto sobre a evidência de um valor que* ele/a (histérico/a) *espera ver reconhecido ...* (Kehl, 2004).

Geralmente apresentam confusão a respeito de sentimentos: *"Possuo o sentimento certo?"* É comum também confundirem uma ideia sobre uma emoção com a coisa em si. Possuem o hábito de se separar dos sentimentos quando falam sobre questões pessoais. Acreditam que essas questões foram resolvidas assim que se deu nome a elas e se conversou sobre elas, sem ter de sentir emoções ou afetos. O relato desse tipo de analisando acusa um discurso que gera identidade através do sintoma, que justifica todas as ações e racionalizações através dessa identificação. Desejam resultados rápidos, de querer se sentir melhor logo, de encontrar algo que possam *"trabalhar (!) dentro de mim para resolver".* Necessidade de provas de sucesso. Por fim, desejam abandonar a análise antes que possa ocorrer uma verdadeira mudança.

Através deste trabalho procurei descrever como a histeria norteia o comportamento das pessoas no mundo corporativo da atualidade, e com isso situá-la no século XXI, revelando outras formas inéditas de sua expressão e ao mesmo tempo expondo seu caráter atemporal. Escrever também é uma maneira de exercer a psicanálise e perpetuá-la no tempo. Esta como vitrine da sua época assume através de seus escritos e da sua clínica a função de palco primordial da subjetividade, de investigação da realidade humana, de lugar de

questionamento da cultura, de espaço de criação de novas metapsicologias e atualização das formas conhecidas de sofrimento, bem como de percepção do que é inédito.

Para terminar uma breve nota resumindo a posição do analista. Este não responde à demanda de gozo, de definição histérica do outro, pois o que interessa é fazer o outro falar – ser o dono do discurso. Enfoca apenas a verdade do outro, extrai a verdade do outro. A escuta é viva aliada às devoluções que ajudem a pensar, que ajude o outro a elaborar. O analista procura ficar no lugar do objeto faltante, causa e motor do discurso do outro. Na verdade o lugar do analista é um lugar que não se deixa seduzir e se recusa a comprar o produto, que não aplaude, que não está na plateia. Seguindo a analogia que propus, o analista convida este frenético ator a ir com ele para o lugar seguro do camarim e lá despir-se do personagem.

Referências Bibliográficas

Quinet, Antonio, 2005 – As lições de Charcot – Jorge Zahar.

Maurano, Denise, 2010 – Histeria, o princípio de tudo – Civilização Brasileira.

Turkle, Sherry, 2010 – Alone Together, why we expect more from technology and less from each other – Basic Books

SHERRY TURKLE: CONNECTED, BUT ALONE? – TED TALK

Kehl, Maria Rita, 2004 – Ressentimento – Casa do Psicólogo.

Fontes complementares

Apostila do meu curso: “Os Nove Tipos Humanos do Eneagrama” sobre o Tipo Três.

Contato: racily.eneagrama@yahoo.com.br

Don Riso and Russ Hudson books on Type Three – The Achiever:

Understanding the Enneagram, 1990 – Houghton Mifflin Company

Personality Types, 1996, revised edition – Houghton Mifflin Company

Helen Palmer books on Type Three – The Achiever:

The Enneagram, 1988 – Harper Collins

The Enneagram in Love and Work, 1995 – Harper Collins